

APRESENTAÇÃO

O presente número da revista *Cadernos CERU* contempla três instigantes temas: *Fronteiras, Territórios e Deslocamentos*, colocando em discussão alguns dos problemas centrais tanto do conhecimento teórico como dos novos modos de entendimento das sociedades sob o ponto de vista do vivido. Na abertura do novo milênio questões decorrentes das ocupações dos espaços, das políticas internacionais e das novas dimensões atribuídas pela globalização fazem necessária uma reavaliação da problemática principalmente em países da América Latina.

A ocupação do espaço implica a superação de velhas fronteiras e o surgimento de novas. Nesse processo algumas práticas perdem significação, enquanto outras adquirem novos sentidos. O espaço é sempre traduzido culturalmente e seu processo de apropriação (territorialização) requer discursos de legitimação, a partir dos quais se definem os direitos e normas sobre o mesmo e suas formas de exploração.¹

Desterritorialização é o produto da globalização em que tudo tende a se desenraizar: mercadoria, mercado, moeda, capital, empresa, projeto, publicidade, tecnologia, acrescentando que a desterritorialização se aplica a grupos étnicos e movimentos políticos que atuam de forma a transferirem fronteiras e identidades territoriais específicas. Todos os níveis da vida social são atingidos pelos deslocamentos.²

A construção do espaço não se realiza unicamente desde os âmbitos mais diretamente vinculados com as instituições políticas, que definem os mapas míticos que supostamente correspondem a uma coletividade, assim, como os discursos nacionais que identificam os membros da mesma, frente aos que nasceram fora das linhas traçadas por fronteiras político-administrativas. A significação dos espaços, territórios, lugares e fronteiras são configurados pelos atores sociais na cotidianidade de suas vidas.³

Os deslocamentos na atualidade tornaram-se um fenômeno social e econômico que se apresenta como um problema nas políticas internacionais e nas políticas latino-americanas. Esse fenômeno conduz os protagonistas a desenhar novas cartografias de suas trajetórias de vida, a se apropriarem de

¹ GODELIER, M. *L' idéal et le matériel*. Paris: Fayard, 1984.

² IANNI, O. *A sociedade global*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1992.

³ VALCUENDE DEL RIO, J.M. *Fronteras, territorios e identificaciones colectivas*. Sevilla: Fundación Blas Infante, 1998.

novos territórios e a conviverem com novas fronteiras culturais. Os países da América Latina que, na escala de desenvolvimento, se colocam abaixo dos países da América do Norte e Europa, ao mesmo tempo em que são emissores de fluxo migratório para os países desenvolvidos também são receptores dos fluxos internos do próprio continente sul-americano. Desse modo é possível constatar que os países em desenvolvimento têm sido uma alternativa aos fluxos migratórios que se dirigiam aos países da Europa e América do Norte. Os patrulhamentos implantados nas fronteiras dos países mais ricos em relação à entrada de pessoas dos países mais pobres, sem dúvida, são uma causa desse fenômeno.

Um grupo de pesquisadores nacionais e internacionais de diferentes áreas de conhecimento se debruçou sobre os dilemas e perspectivas das fronteiras, territórios e deslocamentos. O CERU vem investindo nessa discussão participando em Projeto Interuniversitário sobre Fronteira,⁴ aproveitada agora do 35º Encontro Nacional de Estudos Rurais e Urbanos para aprofundar reflexões sobre essa temática.

Foi marcadamente significativa a discussão sobre estudos fronteiriços entre Brasil e América do Sul, trazendo este periódico à tona parte das discussões. Para José Maria Valcuende Del Rio, professor do departamento de Ciências Sociais da UPO (Universidad Pablo de Olavide) de Sevilha, a *fronteira* como representação é um aspecto central que incide de uma forma direta na forma de estruturar o mundo, de organizar as relações sociais dentro e fora da própria comunidade imaginada, pois não é só a *fronteira política*, mas também as *fronteiras culturais* que se reafirmam ou não em função dos contextos de interação. Acrescenta ainda que não é necessário atravessar nenhuma fronteira política para se encontrar a população com distintas formas de falar, de vestir, de comer, de cantar, de pensar. A imensa São Paulo sintetiza o que hoje representa o mundo globalizado, na forma como convivem grupos diversos, que definem também suas próprias fronteiras: japoneses, coreanos, bolivianos, equatorianos, peruanos, italianos, portugueses, espanhóis. Mil mundos em um mundo, separados e unidos ao mesmo tempo, reproduzindo diferenças e desigualdades, recriadas em um espaço com seus próprios limites. Existe aproximação e distância entre as diferentes populações que comportam as sociedades globais representada por uma cidade com os traços da imigração em seus diferentes bairros.

Sidney Silva, do Departamento de Antropologia da UFAM, ao se referir à *tríplice fronteira* Brasil, Peru e Colômbia, ressalta que essa área tem sido marcada por tensões, não só pela ação de narcotraficantes e por uma possível invasão de guerrilheiros das Forças Revolucionárias da Co-

⁴ Populações amazônicas no processo de integração (Brasil, Peru, Bolívia): relações étnicas, nacionais e conflitos sócio-ambientais. Universidades participantes: UPO (Sevilha), UNSA (Cusco), CERU-USP, PUC-SP, UFAC. Projeto financiado pela Associação Espanhola de Cooperação Internacional.

lômbia-FARC, mas também pela entrada de imigrantes peruanos clandestinos ou refugiados colombianos, que fogem da violência fomentada pela guerrilha e por grupos para-militares daquele país. Trata-se de uma fronteira seca, dividida por uma avenida, denominada Avenida da Amizade. Todavia, quando se adentra na cidade de Letícia, logo as diferenças entre as colonizações portuguesa e espanhola são visíveis. Além dos *desplazados* e refugiados ocorre a migração dos indígenas, que cruzam a fronteira brasileira para intercambiar seus produtos, bem como em busca de benefícios sociais oferecidos pelo governo brasileiro, por exemplo, a aposentadoria. Para Silva, a discussão das fronteiras apresenta-se como algo paradoxal no cenário nacional e internacional, pois caminha na contramão dos propalados processos de integração regional, os quais apregoam a dissolução das fronteiras geográficas em função de uma maior integração das nações, seja do ponto de vista econômico, político e cultural.

José Lindomar Albuquerque, da UNIFESP, por sua vez, articula a noção de frentes de expansão com fronteiras internacionais, em uma análise que as denomina *fronteiras em movimento*, ultrapassando os limites demarcados pelos Estados, como ocorreu no caso da fronteira do Brasil com Paraguai. A noção de *fronteiras em movimento* ajuda a aproximar os conceitos de nação, imigração e fronteira e a perceber a dinâmica dos processos nacionais em seus limites. Essas *fronteiras* ocasionam destruições, integrações, revelam alteridades e provocam muitas tensões e desequilíbrios de poder. Segundo Albuquerque, a imigração fronteiriça apresenta singularidades em relação às imigrações internacionais de longa distância e às imigrações em contextos nacionais. Os processos migratórios são sempre deslocamentos fronteiriços, pois os contatos com outras realidades sociais criam barreiras e produzem travessias e fluxos culturais. A imigração brasileira no Paraguai principia no final dos anos de 1950, intensifica-se nas décadas de 1960 e 1970 no contexto da Hidroelétrica de Itaipu e continua em novos fluxos nos últimos anos.

Na dimensão de que todos os deslocamentos são sempre fronteiriços, pois os contatos no país de acolhida criam novas *fronteiras culturais*. Fronteiras culturais remetem à vivência, às sociabilidades, aos valores, aos significados, comportamentos e idéias. Sobre essa abordagem, Célia Toledo Lucena, do CERU/USP, tece análises extraídas de investigação em andamento sobre as diferentes faces de integração de imigrantes peruanos na cidade de São Paulo. Faz um estudo sobre comida e nesse sentido a alimentação faz parte das maneiras de fazer do país de origem que são utilizadas para ganhar seu sustento e se integrar no país de acolhida. A comida marca diferenças, nesse caso a singularidade se converte em um eixo que serve para ser reconhecido e se reconhecer tanto em relação a seu grupo de pertencimento como em relação ao novo contexto. E ainda por meio da culinária é possível perceber se as desigualdades e diferenças do país de

origem são reproduzidas no país hospedeiro. Os contornos culturais elaborados por imigrantes para enfrentar as *fronteiras culturais* no país de destino reforçam a busca de traços culturais do país de origem.

A visibilidade da imigração num mundo globalizado e também a significativa emigração dos brasileiros, desde a década de 80, aumentaram o interesse acadêmico sobre o assunto.⁵ Assim, a pluralidade cultural ou étnica e a formação de identidades com base nas fronteiras simbólicas fundadas na diferença produzida nos processos migratórios tornaram-se foco privilegiado dos estudos. Todo itinerário de um imigrante é um itinerário epistemológico que se dá no cruzamento das ciências sociais, como um ponto de encontro de inúmeras disciplinas, um objeto de estudo da História, da Sociologia, da Antropologia, da Economia, da Demografia, da Geografia, da Psicologia etc.⁶ As novas perspectivas teóricas têm vantagem de servir às diferentes disciplinas, como é o caso dos debates sobre *deslocamentos e territorialização*.

Os deslocamentos vistos pela perspectiva da *imigração internacional contemporânea* trouxeram novos enfoques para a discussão. Maria Beatriz Rocha-Trindade, da Universidade Aberta de Lisboa, enfatiza os problemas das migrações contemporâneas em Portugal e na Europa. No contexto atual as migrações assumem visibilidade pelo fato de elas serem reconhecidas como opções estratégicas para o desenvolvimento de cada um dos países europeus. A imigração contemporânea possibilita a entrada de uma camada de estrangeiros mais jovens, permite a movimentação de idas e vindas entre o país de origem e o de destino e, com maior frequência, o migrante que tem integração plena de estrangeiro residente no país hospedeiro conquista alguns benefícios de cidadania. Segundo Rocha-Trindade existe nos dias atuais uma tendência a discutir migração sobre a ponderação de vantagens e de inconvenientes dentre os países europeus. Nessa perspectiva, as proximidades que resultam da globalização e dos territórios transnacionais que vêm sendo estabelecidos resultam no tocante à mobilidade e fixação dos atores migrantes numa imensa variedade de situações.

Ao discutir sobre a imigração portuguesa no Brasil, Maria Izilda Matos, da PUC-SP, enfatiza os desafios que os pesquisadores enfrentam hoje ao investir em temas migratórios. Torna-se necessário ampliar o foco das investigações, diversificar as fontes e ainda cruzar, examinar e interpretar exaustivamente a documentação. Investe nas formas que as memórias são caracterizadas pelos imigrantes: pelos sons, pela música e ainda pela memória do olfato e paladar. Nos processos de inserção os sujeitos presentificam as ausências.

⁵ SEYFERTH, G. Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar. In: Seyferth, G. et alii (Orgs). *Mundos em movimento: ensaios sobre migrações*. Santa Maria: UFSM, 2007.

⁶ SAYAD, A. *A imigração*. São Paulo: EDUSP, 1998.

Já João Batista Borges Pereira trata da emigração portuguesa em 1980. O objeto primeiro e mais específico de seu estudo era o de comparar a situação da família portuguesa rural ou camponesa nesse período com a fase analisada pelo professor Emílio Willems, em meados de 1950. Três questões fizeram que sua investigação se estendesse: a conclusão de que seria impossível focar o tema sem relacioná-lo com o contexto migratório da época, o fato de que Portugal passava por um instante político excepcional, que tocava diretamente o mundo rural, em especial a estrutura fundiária do país. A emigração portuguesa tinha como destino os países desenvolvidos da Europa transpirenaica, especialmente a França e Alemanha. O clima ainda era aquele tecido pelo “25 de abril”, a chamada Revolução dos Cravos. Salazar e seu Estado ditatorial haviam sido solapados, porém o novo regime ainda não se consolidara plenamente. Esse quadro de incertezas alimentava o ainda histórico desejo ou necessidade de o português rural sair em busca de novos destinos.

Uma discussão instigante ocorreu a partir de *deslocamentos de angolanos* para Brasília e sobre os *fluxos migratórios de portugueses e luso-africanos* das antigas colônias portuguesas da África em direção a São Paulo. Nessa direção, Zeila de Brito Fabri Demartini, do CERU/USP, CNPq e UESP, e Daniel Cunha abordam a questão dos deslocamentos nas décadas de 1960 e 1970 de portugueses e seus descendentes tanto de Portugal como das ex-colônias portuguesas da África para o Brasil. Dessa forma, conseguiram visualizar a enorme complexidade que os permeia e os inúmeros questionamentos que vêm sendo suscitados no decorrer da investigação. A análise das memórias dos imigrantes entrevistados, provenientes de Angola, Moçambique e Portugal, revelaram em grande parte a complexidade da situação colonial, os pertencimentos a vários grupos, as alianças com as “minorias” dominantes e com os dominados.

Nancy Alessio Magalhães, do Departamento de História da UnB, faz uma reflexão sobre estudantes angolanos na UnB. Para isso recorre às fontes orais e fotográficas. Brasília, capital do Brasil desde 1960, tem sido cenário de permanências, rupturas e contradições, entre outras, pela constante migração de brasileiros (as) e também de estrangeiros (as). Assim, eles e elas forjam e ampliam relações sociais entre si e com outros grupos, de solidariedade e de conflito, elaborando outras versões da história, movimentando identidades, por meio de negociação entre vários interesses e projetos de reapropriação de tempos e espaços. Em suas práticas cotidianas, presentificam ausências pela rememoração ao serem estimulados (as) por diálogos com esta autora e com demais participantes nesta pesquisa. Os estudantes de Angola criam concepções e imagens, que incluem temporalidades e espaços plurais, os quais podem ultrapassar os de sua terra natal.

Samira Adel Osman, pesquisadora do NEHO-USP, discute a problemática da *imigração de retorno* na comunidade libano-brasileira. Os in-

vestigados são imigrantes libaneses retornados da primeira geração, mulheres descendentes da segunda geração, casadas com libaneses na faixa etária entre os trinta e cinquenta anos de idade; jovens descendentes de segunda e terceira gerações, filhos de pais e mães filhas de libaneses ou brasileiras, na faixa etária variando entre sete e os vinte anos de idade na ida para o Líbano; além de brasileiras não-descendentes, casadas com imigrantes libaneses. Osman demonstra que a reinserção de imigrantes e de seus descendentes que retornam do Brasil ao Líbano muitas vezes é traduzida como experiências de frustração e fracasso. O retorno e a adaptação à nova realidade, a comunidade líbano-brasileira tem enfrentado a dura realidade da inserção ao país traduzida como experiência conflituosa, que se caracteriza pelas dificuldades cotidianas, pelo aprendizado da língua, pelo domínio das regras de convivência, pela aceitação e inserção nas novas práticas.

Os territórios entendidos como espaços de ação e de poderes foram também tema de discussão. “O território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado.”⁷ Os novos territórios muitas vezes estão sendo formados e transformados pelas des-territorialidades. Os territórios são tão fragilizados, que investir em estudos nessa temática significa um encontro cara-a-cara com antagonismos, pois é no lugar vivenciado que os confrontos se explicam.

Maria Aparecida de Moraes Silva, do Programa de Pós-graduação da UFSCAR, ao analisar *territórios migratórios* de trabalhadores migrantes temporários que se destinam ao Estado de São Paulo, especialmente na região de Ribeirão Preto, percebeu que os sujeitos sociais não podem permanecer nem no lugar de origem nem no lugar de destino. São eternos caminhantes, transitam por diferentes espaços sem se fixar em nenhum deles. Os espaços migratórios apresentam uma lógica própria, à medida que espaços geograficamente distantes são unidos pelas práticas e re-significações de migrantes por intermédio de redes sociais nos distintos lugares por onde transitam. Os territórios de origem e de destino acham-se articulados pelo mercado laboral masculino. Já Maria Elena Miranda, em tese defendida na Antropologia na FFLCH-USP, debruça-se nos *assentamentos como território* e os processos de construção de identidade do trabalhador rural assentado. A investigação realizada em assentamentos teve como objetivo desvendar esses processos com base na análise das formas de apropriação, bem como nas estratégias de transmissão da terra traçadas pelos assentados. As operações de venda dos direitos dos lotes ocorridos no assentamento recriavam o território de parentesco, reforçando, assim, a identidade camponesa. A maioria desses lotes era comprada ou por parentes de assentados ou pelos próprios assentados, visando, neste último caso, o repasse dos mesmos aos

⁷ SANTOS, M. O retorno do território. In: SANTOS, M.; SOUZA, M.A.; SILVEIRA, M.L. (Orgs.) *Território: globalização e fragmentação*. São Paulo: Hucitec/ANPPUR, 1994.

filhos e filhos casados. Com esse mecanismo eles resolviam alguns dos impasses da herança da terra.

No dia-a-dia cada grupo social constrói seus próprios mapas territoriais. A apropriação territorial está condicionada às características culturais dos grupos sociais. As identidades estão sempre relacionadas a um território real ou mítico. A pesquisadora Vera Rodrigues, doutoranda da FFLCH/USP e pesquisadora da UFRGS, constrói uma discussão com base na pluralidade de olhares sobre o conceito de quilombo. A discussão anteriormente se restringia às dimensões da historiografia e dos estudos culturais; nas últimas décadas do século XX, quilombo redefine-se via processos identitários e pleitos reivindicatórios de direitos sociais. Os quilombos são territórios humanos e habitados, organizados em torno da ocupação, compra ou doação de terras, tema que merece a compreensão de sua complexidade.

Na organização do 35º Encontro que deu origem a este exemplar, o CERU contou com o apoio acadêmico da FFLCH e da equipe do CERU. Da agência pública FAPESP recebeu-se apoio financeiro, que tornou viável a presença de colegas de outros estados brasileiros e ainda a publicação deste número da revista. É preciso lembrar o apoio da Editora Orgrafic, que se prontificou a editar em tempo recorde. A equipe organizadora é grata a todos os que, com sua presença no Encontro, asseguraram um ambiente de reflexão e de crítica.

Célia Toledo Lucena
Junho de 2008.